

# Defesas Primitivas: arrogância, identificação projetiva, estupidez.

CECÍLIA NOEMÍ MORELLI FERREIRA DE CAMARGO

## PRIMEIRO ATO

Começo com Fernando Pessoa:

“Se o homem fosse, como deveria ser,  
“Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais...”

(*Obras completas* de Alberto Caieiro, Nobel, 1980)

A sobrevivência do homem, ao nascer, depende fortemente de um outro que possa cuidar dele: o homem nasce menos acabado, menos preparado... Ó maldita metade que me pertence e não está em mim!

É do seu destino ao nascer, além da tarefa de se transformar em ser humano, a luta pela sobrevivência: nasce biologicamente não capacitado para busca e encontro daquilo de que depende sua vida. Depende de que o outro o encontre! Ó maldita metade que deveria estar em mim e não está!

Esta marca é indelével e o acompanha sempre reforçada pela sempre presente possibilidade da não sobrevivência, da morte.

A tarefa complica-se geometricamente desde o início: o outro que deverá cuidar do primeiro padece da mesma história. É totalmente desamparado e tão louco quanto aquele de quem deve cuidar.

Dupla dependência: o outro precisa encontrá-lo: ele precisa consentir em ser encontrado. E, esta é uma condição desfavorável do animal

Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP e Psicologia pela Unip, Mestrado pela Escola de Comunicações e Artes – USP, Psicanalista pelo Departamento Formação em Psicanálise – Instituto Sedes Sapientiae, Professora e Supervisora do Curso de Especialização Formação em Psicanálise - Instituto Sedes Sapientiae.

homem, já que mais complexa que a dos outros animais (é por isto que a tristeza vale muito, nos momentos mais penosos).

O valor deste outro fica potencializado, pois é o único que pode amparar o homem na tarefa de que depende sua vida. Esta dependência, esta necessidade de ser ‘amado’ e protegido nunca o abandonará; transformar-se-á na odisseia vivida por ele, embora sua consciência disso seja nula ou rudimentar, no melhor dos casos.

Paradoxalmente, e por outro lado, a possibilidade de poder-se permitir ser cuidado é dada por uma ‘genética psíquica’ sobre a qual não há nenhum controle.

Será necessário um longo e complexo processo de ajuste entre o ‘um e o outro que cuida da sobrevivência do um’.

Assustadora situação! Grandes riscos de não dar certo!

Todos já vimos como, além das diferenças físicas, externas entre os bebês humanos, há diferenças de outras ordens. Poder-se-ia dizer, diferenças de temperamento. Todos conhecem o bebê ‘reclamão’, o chorão, o bonzinho e tranquilo, o agitado, o ansioso, o maníaco, o obsessivo, o histérico, o fóbico... Sinais de dotações de que tipo?

O bebê humano nasce assim, destes jeitos ou é assim lido pelo outro que cuida dele como sendo assim, ou é o outro que não atende o que a ele é necessário, ou o quê? Retome-se a afirmação que ‘aquele que irá cuidar, padece da mesma história’.

E assim, em qualquer alternativa, a assustadora situação está dada e presente.

## SEGUNDO ATO

Na Grécia antiga havia uma deusa chamada Hybris, que passava a maior parte do tempo entre os mortais. Representava o conceito chamado ‘hubris’: ‘tudo que passa da medida’, descomedimento aludindo a desprezo audacioso até a imprudência frente ao espaço alheio, unido à falta de controle sobre os próprios impulsos, a sentimento violento ligado a paixões exageradas, consideradas como doenças por seu caráter irracional, desequilibrado e levado à fúria (à Até, cegueira da razão).

À hubris se opõe sofrósina, ação moderada que o homem exerce sobre si mesmo, prudência, bom senso, comedimento. A moral grega que propõe a concepção de hubris como infração, apresenta-se como a moral da mesura, da moderação.

Nos tempos modernos, estudiosos como Freud, e mais recentemente Bion, estudaram personagens mitológicos, onde puderam explorar aspectos desses personagens tomando-os como símbolos de certas patologias. Bion escreveu um texto sobre arrogância(1) onde, a partir dos personagens míticos, apresenta reflexões que permitem constatar a atualidade do tema - orgulho exagerado, arrogância, insolência e estupidez, no sentido de estultice, burrice, como força maior que a inteligência e a esperteza.

O significado de arrogância, na língua portuguesa é: ter como seu, atribuir-se; o atribuir-se um conhecimento, qualquer direito a ele ou a qualquer coisa, a **qualquer preço**. O atribuir-se sem medida vem conduzindo o homem, do antigo ao moderno à Até, cegueira da razão. Acrescente-se um extremo julgamento moral, e o ter-se a sabedoria daquilo que está certo ou errado não importando o que é verdadeiro. O arrogante quer ter razão, não quer se aproximar da verdade.

A soberba do desprezo pela existência do outro perdura inalterada desde a Grécia antiga, até nossos dias.

Fato curioso! Essa curiosidade, no entanto, anda de braços dados com ignorância. Se, tudo sei, ou se, tudo me arrego saber, minha curiosidade não me leva ao processo de descoberta, menos ainda ao de criação. Se sou arrogante, sou o saber, a onisciência e o tudo ter.

## ENTREATOS

Fado cruel!

Como enfrentar o despreparo, o desamparo, os perigos do mundo sem este outro que tem o que me falta, sem amor e proteção deste outro, sem...?

O que poderá acontecer nos próximos atos?

O que a profecia e os oráculos reservaram para o homem?

## TERCEIRO ATO E EPÍLOGO

Aquele que puder suportar perceber a natureza de incompletude de que é feito, estará no caminho da salvação.

Simples assim? Lamentavelmente não!

O longo e árduo processo de conquista da aceitação da incompletude e dependência 'não é para qualquer um, é só pra quem pode!' E, trata-se de um

processo que só poderá se realizar na e com a presença do (talvez quase insuportável) outro. O um só poderá ser salvo por este ‘quase’. Quase da relatividade que será ou não suportada.

Se, puder escapar da soberba de tudo ser, tudo ter, tudo saber, tudo poder, tudo, tudo, entrará para o reino dos céus humanos e, mesmo que tristonho, poderá ‘vencer’, fazer-se cargo de seu despreparo, de sua fraqueza e poderá preparar-se, proteger-se, ser, mesmo não sendo o mais perfeito dos animais, embora triste por sua incompletude. Poderá construir fortalezas internas e externas que propiciarão uma proteção possível, embora tendo que aceitar tristemente as vicissitudes do acaso da vida e de sua natureza.

Mas, oh vaticínio terrível!

Pobre forte! Pobre todo, pobre tudo!

Em sua fraqueza do não suportar o não tudo, viverá na ilusão...

Passará pelos tempos vomitando sua fraqueza sobre o outro de quem depende não só para sobreviver, mas também para viver. Passará pelos tempos como dono de uma falácia moral, **tomada como a verdade** e enxergando apenas a si mesmo, obedecendo ao comando de seu superego ideal. Cego! Cego de si mesmo! Cego para si mesmo. Cego para aquilo que poderia salvá-lo, cego para o abrir-se para o outro...

Mas, como abrir-se sem jogar para dentro do outro aquilo que nele não pode ser suportado? Destinado à prisão perpétua do desfazer-se de si mesmo, daquilo que não suporta em si mesmo, perpetua a solidão de sua suposta e arrogada perfeição.

E, imperfeito, olha para o outro como imperfeito, arrogando-se divina perfeição, jorrando sobre o outro sua própria limitação, realizando seu fatídico objetivo de ser divino, sem ter sido apenas humano.

Notas: (1) Bion, W.R. Estudos Psicanalíticos Revisados, cap7:81-86, trad, Wellington Marcos de Melo Dantas. RJ: Imago Ed., 1988

**Cecília Noemí Morelli Ferreira de Camargo**

Av. Brig. Faria Lima, 1690, cj. 62. CEP 01451-001

011 99603 9043.

mormicam@gmail.com